

VIVÊNCIAS DE SALA DE AULA: RELATOS DE UMA ESCOLA DE SÃO LUÍS-MA¹

Amanda Salles de Escobar Gonçalves Acruchi²

Ronaldo Barros Sodré³

Ensinar Geografia significa ensinar sobre o mundo e a sociedade, pois ela, como diz Shoko Kimura (2011, p.07), é uma produção social. Desta forma, também tem por objeto, os sujeitos desta produção, inclusive os próprios estudantes, professores e a comunidade escolar. É através do estudo da Geografia que adquire-se não apenas noções de espacialidade, mas analisa-se as interações do ser humano com o ambiente ao seu redor, alcança-se conhecimento da natureza e das leis do movimento da formação econômico-social através do espaço (MOREIRA, 2010, p. 63), assim contribuindo para a formação de uma consciência cidadã. Além disso, guarda ricos elementos que fornecem conhecimento às outras ciências. Diante desses fatos, observa-se a tamanha importância do ensino e análise do pensamento geográfico no decorrer de toda formação escolar.

Ante ao exposto, o presente trabalho pretende relatar experiência prática da autora (licencianda em Geografia que tomou consciência das inúmeras dimensões e relevância do ensino desta apenas durante o curso superior), enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) no Centro de Ensino Antônio Ribeiro da Silva, escola localizada no bairro do Sá Viana, região periférica da capital do Maranhão, São Luís. Nele, expõe sua vivência junto à turma 800, seu supervisor e comunidade escolar, expondo a realidade social apresentada, as atividades geográficas realizadas junto ao corpo estudantil, as dificuldades encontradas e as estratégias planejadas e utilizadas no âmbito da Geografia para alcançar êxito no processo global de ensino-aprendizagem, assim como os resultados alcançados na sua análise dessa realidade. Também conta com as dimensões da iniciação à docência identificadas como parte do programa e de toda experiência proporcionada por esta iniciativa.

¹ Relato de experiência no PIBID – CNPQ – CAPES.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Maranhão - MA, amanda.salles@discente.ufma.br;

³ Doutor em Geografia, professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal do Maranhão - MA, ronaldo.sodre@ufma.br.

Tal relato torna-se importante e necessário no tempo atual, em que a Geografia é secundarizada e seu ensino colocado em cheque, talvez pela falta de uma compreensão mais profunda e dimensional acerca de seu estudo. Assim como é uma forma de expor os entraves que a educação encontra em uma realidade social periférica e as maneiras de tentar superar os desafios provenientes de problemas estruturais.

Almejando o melhor aproveitamento possível da experiência em sala de aula e para melhor elaboração deste relato, o processo metodológico adotado foi muito dinâmico, pois a autora pôde acessar teoria e prática concomitantemente. Foram realizadas leituras de referencial teórico clássico sobre processos de ensino-aprendizagem e seus tipos de abordagens como Mizukami (1986), Bordenave (1984), Libâneo (1982), Saviani (1984) e Paulo Freire, levando em consideração os aspectos da escola, alunos e professor. Também aprofundou-se no conhecimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), do Documento Curricular do Território Maranhense para a Educação Infantil e Ensino Fundamental, assim como da Proposta Curricular da Educação Infantil e Ensino Fundamental da rede pública municipal. Além destes, foi necessário buscar referências específicas do âmbito geográfico para melhor compreensão de suas técnicas de ensino.

Ao mesmo tempo que se aprofundava no conhecimento teórico, a autora pôde observar na prática as técnicas e abordagens adotadas pelo professor supervisor, fazendo um relatório geral sobre as instalações e dados da escola, e outro relatório diário do que observou no período de quase um ano em que acompanha a turma, conseguindo identificar as abordagens estudadas na teoria que são colocadas em prática nessa sala de aula. Nesse processo teve acesso às atividades avaliativas dos alunos, identificando várias deficiências na aprendizagem. Também ouviu alguns estudantes sobre suas dificuldades, sonhos e perspectivas, assim como o professor sobre sua experiência enquanto educador em uma escola pública em que muitos alunos se encontram em vulnerabilidade social. Além disso, elaborou junto a outros colegas bolsistas, plano de aula e projeto com abordagens inovadoras na tentativa de despertar curiosidade e obter êxito na concretização da aprendizagem, além de experienciar estar no papel de professor à frente da turma. Ao final, registrou toda essa experiência.

A autora iniciou o acompanhamento e auxílio ao trabalho do professor supervisor junto às turmas do oitavo ano desde dezembro de 2022, quando finalizava o 2º período de sua graduação, até atualmente (o programa se finda em abril de 2024). O Centro de Ensino Antônio Ribeiro da Silva, administrado pela rede estadual de educação, possui turmas do Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos). São 823 matrículas ao todo e recebe estudantes do próprio bairro e de bairros vizinhos, onde 82 são do Ensino Fundamental

- anos iniciais, 535 dos anos finais, 206 do Ensino Médio, 156 do EJEJA, e 14 matriculados na Educação Especial. Dispõe de 68 professores das múltiplas disciplinas, que lecionam uma parte no período matutino, vespertino e outra no noturno. Está localizada em uma rua asfaltada e com fácil acesso ao transporte público. Essa escola possibilita a acessibilidade para os alunos portadores de necessidades especiais, há biblioteca, laboratório de informática com 4 computadores, acesso à internet, água tratada da rede pública, cozinha, refeitório, ar-condicionado ou ventiladores nas salas, uma quadra (em reforma) e até uma pequena horta. A turma 800, referente ao 8º ano do Ensino Fundamental, que está sendo acompanhada, tem 42 alunos matriculados, mas apenas 36 frequentam regularmente.

Embora tenha uma estrutura razoável, a escola sofre constantemente com furtos. Na maioria das vezes dos fios dos condicionadores de ar, impossibilitando sua utilização. Também existe uma certa atmosfera de insegurança na escola de modo geral. A exemplo disso, os alunos levam suas mochilas e pertences para o momento do recreio por medo de serem furtados. Na sala acompanhada, por mais de seis meses eram utilizados apenas ventiladores. Tal fato poderia ser irrelevante se não fosse localizada em uma região com altas temperaturas o ano inteiro e se os ventiladores fossem mais silenciosos. Por muitas vezes essa questão atrapalha o desempenho do professor e a concentração dos alunos. Há alguns meses foi instalado novo refrigerador de ar, porém este não possui potência suficiente para amenizar a temperatura sozinho, sendo ainda utilizados os ventiladores em conjunto.

Existem outros problemas relacionados à estrutura, porém fogem ao principal objetivo deste relato e por isso não valem a pena descrevê-los neste momento. O que ainda se precisa evidenciar em relação à comunidade escolar de forma global, que de fato interfere no processo educacional são as paralisações dos professores e outros funcionários terceirizados como as merendeiras. Essas necessárias lutas trabalhistas acabam modificando o calendário ou o andamento da rotina escolar. Porém, é importante destacar o empenho de grande parte dos profissionais para promover o ensino da melhor maneira possível com os recursos apresentados.

Após destacar o parecer da escola de modo geral, cabe aqui expor o perfil da turma acompanhada sob a ótica da autora. Sendo uma turma bem balanceada entre meninos e meninas, são estudantes que possuem uma boa convivência entre si com raríssimos momentos de conflitos sérios. Cooperam mutuamente e trabalham bem em grupo. Também existe uma atmosfera de respeito para com os educadores e funcionários. Apesar dessa boa perspectiva, existem desafios muito difíceis de se transpor.

O primeiro é a clara dificuldade de leitura e interpretação que grande parte da turma apresenta. Alguns possuem dificuldade para ler até frases simples. Procurando contribuir para

o abrandamento desse problema, o professor busca passar textos no quadro para cópia e leitura em conjunto. Não são todos que respondem bem, porém boa parte participa. E este é o segundo desafio identificado. A falta de interesse e participação por qualquer assunto. Este problema não é detectado apenas nesta turma, mas vários professores relatam o mesmo em outras turmas.

É nesse ponto que encontramos o maior desafio, mas, ao mesmo tempo, a grande utilidade da ciência geográfica. Por termos como objeto de estudo o espaço e sua produção social, o professor consegue despertar o interesse no conteúdo contextualizando-o com sua rotina e colocando-os como atores da relação. Através de técnicas como a aula invertida, o *brainstorming* e debates, consegue-se inserir mais facilmente os conteúdos curriculares. É verdade que não é todo o grupo que se engaja na aula, porém percebe-se que estas são a estratégia mais eficaz até o momento.

Mesmo conseguindo desenvolver debates importantes sobre a atualidade, como trabalho, gênero, mudanças climáticas, globalização entre outros temas trabalhados na Geografia, ainda percebe-se grande deficiência no momento da avaliação. A grande maioria não consegue colocar no papel as ideias que defendem ou aquilo que aprenderam. Mesmo com o livro didático à disposição para consulta, não conseguem identificar nele as respostas.

Outro grande desafio é a realidade em que estes estudantes estão inseridos. Muitos deles vivem em situação de vulnerabilidade social, o que prejudica a concentração e interesse. Muitos não possuem perspectivas para o futuro, outros precisam ajudar em casa, o que dificulta os estudos.

Enquanto pibidiana, a autora teve a oportunidade de trazer algumas propostas didáticas e projetos, porém, mediante o calendário apertado, conseguiu colocar em prática apenas um até o momento. Porém sua participação na sala de aula tem agregado muito conhecimento e experiência na prática escolar.

Participar de um programa de iniciação à docência possui inúmeros benefícios na formação acadêmica do licenciando. O fato de poder experienciar o ambiente escolar logo na primeira metade da graduação traz profundo aprendizado. Poder observar na prática situações relacionadas às teorias que estão sendo ensinadas nas disciplinas pedagógicas do curso acarreta uma maior consolidação do conteúdo. Além disso, traz as verdadeiras dimensões do ensino em sala de aula no que tange às dificuldades encontradas, as questões sociais e culturais envolvidas no local e as dinâmicas utilizadas pelo professor para transpor os obstáculos e concretizar a aprendizagem. Isso faz com que o graduando tenha uma formação mais completa, trazendo segurança para ingressar no estágio, assim como no ambiente de trabalho posteriormente, visto que já vivenciou inúmeras situações e pôde observar formas de proceder diante delas.

Outra dimensão evidente é a contribuição com o ensino na escola, uma vez que os licenciando otimizam a dinâmica da sala de aula executando tarefas simples como tirar dúvidas em exercícios, elaboram projetos para aprofundar os conteúdos ministrados, trazem novas perspectivas e ideias para os professores entre outras ações.

Tratando da experiência pessoal desta pibidiana, é possível verificar claramente o quanto desenvolveu suas habilidades desde que começou a participar do subprojeto. Com relação à segurança para lidar com os estudantes, capacidade de improvisação, elaboração de projetos.

Palavras-chave: Ensino; Escola, Desafio, Aprendizagem, Geografia.

Agradecimentos:

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por fomentar a presente experiência permitindo uma formação superior mais capacitadora e excelente; e aos professores, alunos e alunas, atores deste relato e que tornaram este trabalho possível.

REFERÊNCIAS

BORDENAVE, J. E. D. **A opção pedagógica pode ter consequências individuais e sociais importantes.** Revista de Educação AEC, [s. l.], n. 54, p. 41-5, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

LIBÂNEO, J. C. **Tendências pedagógicas na prática escolar.** Revista da Ande, [s. l.], n. 06, p. 11-9, 1982.

KIMURA, Shoko. **Geografia no Ensino Básico: Questões e Propostas.** 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 218 p. ISBN 978-85-7244-404-4.

MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino, as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia.** 1. ed. São Paulo: Contexto, 2010. 189 p. ISBN 978-85-7244-366-1.

SAVIANI, D. **Escola e democracia.** São Paulo: Cortez, 1984.